



---

## Vivenciando paisagens e lugares: O caminhar como a arte de habitar a cidade

Lahys Barros Alves, FACIGA/AESGA, Brasil  
lahysalves@gmail.com  
Luiz Monte, UniFavip | Wyden, Brasil  
luiz.monte@unifavip.edu.br

### **PALAVRAS-CHAVE:**

caminhar; habitar; experiência sensível; fenomenologia; espaço urbano.

### **RESUMO**

No ato da pesquisa acadêmica contemporânea sobre urbanismo e cidades, é possível diagnosticar vários conceitos e vertentes que atrelam a subjetividade e a afetividade ao ato de caminhar como estratégia metodológica para compreensão e análise do espaço urbano. Este trabalho busca se encaixar neste contexto ao eleger a deriva e a corpografia como formas de investigar o contexto afetivo do município de Garanhuns, interior de Pernambuco. A pesquisa avança através de quatro grandes eixos de discussão, sendo o primeiro deles os debates contemporâneos de apressão alternativa da cidade. Posteriormente são abordadas a concepção da fenomenologia na cidade e seus diversos atravessamentos: imaginário, percepção, habitação, entre outros. Dessa discussão surgem os dois itens subsequentes, o terceiro item procura solidificar de forma precisa o conceito de deriva, entendendo-a não como fim em si, mas como um processo, uma forma de habitar caminhando. O quarto item investiga a possibilidade de transferência e adaptação da noção de corpografia como possibilidade de assentamento afetivo

---

das complexidades urbanas. Após avançar por esses quatro eixos de discussão teórica a pesquisa de aprofunda em sua tônica experimental, apresenta os fundamentos da errância e do local e expõe os experimentos realizados na cidade. São apresentadas experiências narradas pela ainda estudante Lahys Barros, em diversos locais e situações de Garanhuns. A potência das narrativas por si só expõe o caráter lúdico e afetivo das experiências. Por fim, as considerações finais apontam para a multiplicidade de possibilidades de aplicação da deriva enquanto método de investigação e busca um reflexão sobre o futuro de experiências semelhantes.

### Debates urbanos na contemporaneidade – uma abordagem fenomenológica

A cidade é uma forma de linguagem em que as instâncias existenciais do indivíduo se projetam, onde os imaginários se constroem e se expressam. Afinal, “a arquitetura é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de fatos novos e antigos” (ROSSI, 2001, p. 03). É composta por dois tipos de atos interdependentes, o projetar – adentrando ao universo material, e o apropriar – relativo ao universo imaterial.

Ao observar o espaço das cidades ao longo do tempo, facilmente identificamos o conceito de Rossi (2001) sobre a arquitetura como texto da cidade. Nela estão inscritas as políticas, modas, economias, histórias de um determinado momento. E mais que esta dimensão material da obra em si, conta mais ainda, a forma com a qual as pessoas se relacionam, se apropriam destas. Quando um grupo é inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, mas, ao mesmo tempo, dobra-se e adapta-se a coisas materiais que resistem a ele. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que este mantém com aquele, passa para o primeiro plano da idéia que o meio faz de si mesmo. (HALBWACHS, apud ROSSI, 2001, p. 198).

O mundo contemporâneo apresenta um campo extraordinário de contradições e possibilidades dentre as quais o espaço público é protagonista, além de objeto de diversas análises e práticas. A investigação apresentada no presente trabalho busca pensar o espaço urbano, a cidade e as relações intersubjetivas com seus habitantes e a paisagem. A pesquisa partiu do princípio que o espaço urbano está em constante construção, assim como, em desconstrução de certos ideais pressupostos ao longo da história, fundamentais ao planejamento e intervenção do espaço.

A discussão sobre espaços livres de uso coletivo das cidades está intimamente atrelada às questões de organização da coletividade dentro das cidades contemporâneas. São peças fundamentais para a constituição do pensamento urbano e essenciais em diagnósticos de crises e transformações urbanas, assim como a identificação das possibilidades para mudanças (PAULA E FERREIRA, 2014). Como tendência, se pode observar o crescente atravessamento entre diversos campos de conhecimento, mesmo distintos, que permitem uma abordagem abrangente e interdisciplinar da cidade e de seus habitantes.

Apesar disso, Serpa (2014) aponta para a incompatibilidade entre o pensamento do planejador urbano e daquele que vivencia o espaço na prática do seu cotidiano. Via de regra, o meio institucionalizado e acadêmico desconsidera os sistemas de significações daqueles que realmente habitam o espaço e que estabelecem relação única, correspondente a suas vivências e experiências. Criando uma linguagem particular que, raramente alcança os profissionais responsáveis por conceber espaços, principalmente, os de uso comunitário. A maioria dos projetistas apresentam, deste modo, resultados pouco promissores e presos a uma formalística, em contrapartida à vivência real dos habitantes da cidade.

Como forma de solucionar as raízes e os resultados dessa problemática, Serpa (2014) comenta então, a necessidade de busca de uma linguagem de conciliação entre as figuras-chave da constituição do urbano, planejador e usuário, através de uma tomada de posição menos confortável daquele que está preso às pranchetas, estatísticas e computadores. Buscando uma experiência e conhecimento real e usual dos espaços compartilhados da cidade. Lefebvre (2001, p. 42) traz como exemplo à inesgotabilidade filosófica a respeito da possibilidade de se “conceber uma descrição fenomenológica da vida urbana”, enxergando assim, as possibilidades de uma subversão nos valores do status quo da confecção urbana num mundo pós-moderno, onde impera a lógica de produção capitalista.

A fenomenologia segundo Merleau-Ponty (2011, p. 01), “é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências”. Tais estudos, segundo o autor, embora pertencentes ao campo filosófico, pretendem ser uma “ciência exata e relato do espaço, do tempo e do mundo vividos”. Como um retorno as coisas por elas mesmas, que visa estabelecer um entendimento sobre os artefatos e o mundo em primeira instância, alcançando a dimensão pura do ser, sentir e experienciar, antes mesmo das abstrações científicas que engessam a nossa relação com o mundo. A fenomenologia permite que se enxergue mais do que está apresentado, procura ver dentro, de forma substancial a essência de cada coisa no mundo.

A abordagem fenomenológica no campo urbanístico é um vetor contemporâneo que se opõe a tradição positivista empregada pela geografia e urbanismo tradicionais. Surge como uma alternativa a partir do momento que estes métodos de análise e produção de cidades não condizem mais com as necessidades complexas da contemporaneidade. Em consequência, “as transformações dos espaços públicos implicam em buscar fenomenologicamente como a crise da vida urbana é afetada sob todas as esferas concernentes aos indivíduos, grupos sociais e lugares” (PAULA E FERREIRA, 2014, p. 02).

Dentro deste universo de possibilidades de entender a fenomenologia como instrumento de abordagem, direta ou não nas discussões dentro da arquitetura e urbanismo, sem dúvida a maior contribuição é o pensamento do arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz. Schulz realiza uma profunda pesquisa acerca dos estudos fenomenológicos do filósofo alemão Martin Heidegger aplicados à arquitetura. Seus estudos culminam na análise e na percepção do espaço a partir do conceito de *genius loci*, a essência do lugar, um aspecto constituído a partir de diversas variáveis formadas com base na relação do espaço e do ser. “Um fenômeno qualitativo

'total', que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades (...) sem que se perca de vista sua natureza concreta" (SCHULZ, 1976, p. 445), ou seja, um lugar, um sítio, uma situação, não podem ser reduzidos apenas ao espaço físico que os contém.

A fenomenologia está intimamente ligada ao conceito de percepção do mundo. O perceber é a primeira condição que liga o ser humano à existência e que permite a consciência a respeito do ser-no-mundo, como aponta Selvaggi (1988). O indivíduo só é o que é, a partir de sua relação com o espaço, o mundo – não podendo existir sem ele, e a partir de quando tem consciência do mesmo. Este, se apresenta, não apenas como o que contém o sujeito, mas, o que o define como tal, influenciando suas particularidades existenciais, suas relações sociais, culturais e espaciais.

Amparado nestes conceitos de percepção de vida e do *genius loci*, ou espírito de lugar, manifesta-se o habitar, o viver com significação, o ato de estar vinculado ao local. A relação mais íntima possível entre o indivíduo e o espaço, na medida que se tornam um só. Acontece quando o sujeito pertence ao espaço da mesma maneira que o espaço o pertence: "quando o homem é capaz de habitar, o mundo se torna um interior" (SCHULZ, 1976, p. 448).

Os locais de habitar, as casas, as construções, as ruas, estão, por sua vez, amplamente conectados à cidade como um organismo. As habitações, no sentido de locais de vínculo, são os microcosmos do universo da urbe. Em busca de uma linguagem de conciliação, o caminhar como metodologia e prática estética surge como possibilidade de conexão entre o ser humano e o espaço das cidades, servindo aos planejadores e interventores como forma de entender melhor as nuances que transpassam a escala humana-urbana.

### Fenomenologia das Ruas e o imaginário da paisagem

Jane Jacobs, apresenta em *Morte e Vida das Grandes Cidades* (1961) uma obra de cunho fenomenológico, mesmo que não seja identificada como tal (PAULA E FERREIRA, 2014). A autora apresenta sua crítica ao extremo racionalismo no projeto urbano e pontua como a lógica moderna de planejamento acaba por "matar" as ruas norte-americanas. Há assim uma evocação de olhar fenomenológico para compreender as relações essenciais dos habitantes com sua vizinhança, dos caminhantes com os espaços públicos, das pessoas, em geral, com a cidade. A narrativa de cidade sempre esteve em paralelo à história da humanidade, afinal, é no espaço das cidades que são refletidas as políticas, vivências e tecnologias de uma sociedade, de acordo com seu tempo. Dos espaços que definem a cidade, a Rua é o representante do espaço público mais explícito, é lugar de ninguém ao mesmo tempo que pertence a todo mundo. É, como poeticamente argumenta João do Rio (2013, p. 20) "(...) a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas". Aquela que recolhe os desamparados, é palco de ações políticas, estabelece ligações no espaço, permite encontros, desencontros e toda uma vida urbana dependente dela.

A Rua, é o elemento mais claro na identificação morfológica da cidade, assim como no ato de projetar; ela faz a ligação entre edificações, regula formas de quarteirões e disposições dos edi-

fícios. O ato de traçar o desenho urbano se confunde com o ato de projetar, planejar a cidade (LAMAS, 2004). Além de suas dimensões físicas, existem dimensões práticas e subjetivas, que se configuram como cenários. Estes, por sua vez, se tornam a alma das ruas. Conformados a partir de uma dimensão política, constituídos de idealizações, projeções e imaginários, presentes na sociedade. É reflexo da história, tanto das cidades, quanto de seus habitantes.

A Rua é um campo aberto entre as construções do urbano, é testemunha de suas ações. Onde as pessoas se cruzam indiferentemente, se apaixonam, protestam, caminham, exercem seu eu social. Tudo isso é, também, dimensão social, política e por que não artística? A Rua é característica da essência de uma cidade, possui psique própria, determinada a partir das permanências e efemeridades presentes nos seus cenários.

Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue (RIO, 1910, p.4).

Estes cenários permitem uma licença poética para tratar sobre paisagem. Toma-se emprestado o termo para tratar o assunto além do olhar puramente geográfico, ou nas palavras de Vicente Del Rio (1995, p. 94) "A paisagem deve ser entendida como o cenário que nos rodeia, participa e conforma o nosso cotidiano". Esta paisagem que no rodeia é parte de nós mesmos, da mesma forma que nos reflete, assim como afirma Marx (apud DEBORD, 1958): "Os homens não veem nada em torno de si que não seja o próprio rosto, tudo lhes fala deles mesmos. Até a paisagem é algo vivo".

Ou seja, a concepção de paisagem, vai além do ver, ouvir, e até do sentir, mas é a materialização de uma complexa relação de diversas partes, com o indivíduo. No âmbito tanto sensorial, quanto de significação, de tempo, de vivência. Vivenciar uma paisagem é ser uma paisagem, ultrapassa o nível íntimo de interação entre o espaço, as pessoas e os cenários, devido a uma óbvia complexidade de interações. As paisagens têm uma força única, da mesma forma que depende do ser, o devora, o incorpora, mantendo em si todo um universo de significação.

A paisagem, então, feita de coisas e de pessoas, não reside apenas no objeto, nem tão somente no sujeito, mas da interação complexa entre eles, em diversas escalas de tempo e de espaço implicando tanto uma instituição mental da realidade quanto a constituição materializada nas coisas (BERQUE, 1994, apud VERAS, 2014, p. 24).

A noção do habitar está presente na própria concepção de paisagem apresentada na cartilha de interpretação da Convenção Europeia de Paisagem, como sendo "o território que existe e contém significado e valor através dos olhos das pessoas que nela habitam e das pessoas que por ela passam" (DI MAIO e BERENGO, 2008, p. 05). Ou seja, acontece através do olhar daqueles que habitam a paisagem e daqueles que habitam o mundo e se permitem por um momento

habitar a paisagem durante o caminho. Em suporte a esta ideia, Besse (2014, p. 47) concebe a paisagem como “o acontecimento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca”, sendo esse encontro a experiência – experiência de paisagem. E o fator primordial de experimentação é a percepção, a forma como o ser se abre e se permite ao momento, ao sensível. Dessa forma, “a paisagem é o resultado da intervenção humana e do trajeto da natureza; mas também é o produto da nossa percepção. A paisagem só existe no momento em que alguém a observa e sente” (DI MAIO e BERENGO, 2008, p. 04).

Temos acesso a certas percepções, as quais são influenciadas cognitivamente por todo um universo cultural de imaginários construídos ao longo do nosso desenvolvimento. E, caso o resultado disto for positivo, possuímos uma significação positiva do espaço, caso contrário, o resultado é sua rejeição. A partir disso é tangível refletir como este processo tem acontecido no ambiente urbano, quais as possíveis projeções no espaço público e as possibilidades de ressignificação existentes, pela forma com a qual o espaço urbano se organiza e constrói.

Analisando como a relação afetiva, no sentido daquilo que afeta, se altera a partir de cada percepção e criação de significações diferentes sobre uma mesma coisa, ou lugar, por causa de diferentes contextos. Como as estruturas sociais, econômicas e outras dimensões podem criar um todo complexo de uma paisagem, e de que maneira uma atitude corpográfica pode efetuar o registro afetivo dessa paisagem. Tudo isso é determinante na forma com a qual as pessoas se relacionam com o espaço. Uma criança ao nascer em um sítio e, por exemplo, cresce nesta ambiência de forma positiva, constrói, com o passar de seu desenvolvimento, significações próprias afetivas favoráveis ao seu convívio. Com base na mesma lógica, podemos refletir acerca da significação dos espaços públicos da urbe.

Apropriar-se das ruas num mundo em que nem mais crianças povoam as calçadas com suas brincadeiras e descobertas não é fácil, porém muito menos, impossível. Ir para a Rua, é espontâneo ao ser humano e, mesmo que haja uma tentativa de tolher este sentimento, a Rua ainda é a instância que liga pessoas, espaços, onde se projetam ideias, lugar de permissões e liberdades.

Instintivamente, quando a criança começa a engatinhar, só tem um desejo: ir para a rua! Ainda não fala e já a assustam: se você for para a rua encontra o bicho! Se você sair apanha palmadas! Qual! Não há nada! É pilhar um portão aberto que o petiz não se lembra mais de bichos nem de pancadas! (RIO, 2013, p. 33-34).

Apesar disso, há também quem entenda e valorize o poder que as ruas possuem: artistas, políticos, ou alguns observadores, não só o identificam, como usam de sua competência para transmitir mensagens, realizar ações, reverberar ideias. As ruas “gritam”. O jargão “o clamor das ruas” é repetido infinitas vezes junto a promessas em épocas eleitorais. A Rua, é a persona da população, dos que nela praticam suas vivências diárias, dos que nela habitam. É palco para manifestações, cria uma ambiência quase metafísica que comove e impulsiona fenômenos. É possível diagnosticar um ímpeto contrário a esta poderosa natureza entrópica, de sistema reificado (LUKÁCS, 1989) que visa manter qualquer impulso num âmbito estável.

O universo efervescente dos logradouros preenche o sentido fenomenológico do espaço público. São vivências que em grande parte ocorrem ao natural, embora haja uma considerável contingência de praticantes conscientes do urbano. Desde os peripatéticos gregos e suas andanças filosóficas, até as manifestações contemporâneas do land art e do happening, por exemplo. Os artistas “vêm a cidade como campo de investigações artísticas aberto a outras possibilidades sensitivas, e assim, possibilitam outras maneiras de se analisar e estudar o espaço urbano através de suas obras ou experiências” (JACQUES, 2006, p. 131). O caráter experimental destas obras é o que ganha destaque neste tipo de arte. Nenhuma apreensão será igual a outra, a do outro, a de antes ou depois.

Como visto anteriormente, o interesse desta pesquisa é utilizar a técnica da caminhada, a habilidade da deambulação humana, como estratégia para ampliar a experiência de paisagem e a percepção sensível do habitar, em seu sentido pleno e fenomenológico. Pois, segundo Besse (2014, p. 48) “a caminhada poderia constituir um exemplo fundamental dessa experiência de paisagem”, conformando o caminhar como a experiência plena que permite despertar todos os sentidos do ser errante para a meio, é percorrer o tempo, vivenciar o espaço.

### **O habitar caminhando: do flâneur a arte contemporânea**

O habitar, fundamentado no conceito fenomenológico é viver o lugar com significação e vínculo, consiste na relação mais íntima possível entre o indivíduo e o espaço. Assim, caminhar tem sido a primeira forma do ser humano de habitar no mundo (CARERI, 2013). Na pós-modernidade, onde inclusive o tempo é medido a partir da lógica da produção do capital – tempo é dinheiro. Ir devagar, andar, deambular, torna-se um meio de subversão, um ato de rebeldia, uma atitude política no ir e vir da cidade. O caminhar desprovido de intenção funcional, apenas como vivência, como prática estética, é revolucionário.

Caminhar representa uma relação originariamente fenomenológica, um vínculo com o espaço que o sujeito percebe, define e significa. Tão primária e importante ao desenvolvimento humano, a experiência de caminhar decorre da necessidade naturalmente e primária de buscar alimento, informações e formas de sobrevivência. É instintiva, ligada à evolução da espécie humana, uma forma de subsistir no mundo e que se transforma por si só, como fruto desta respectiva evolução, em um ato simbólico relacionado ao habitar o mundo (CARERI, 2013).

À primeira vista a afirmação pode parecer contraditória. Caminhar parece se relacionar mais a ideia de nomadismo do que ao ato de habitar, se fixar, viver em determinado espaço. Entretanto, é preciso ir além do senso comum sobre habitar, para entender que a dimensão que o abrange, pertence, sobretudo, às afetividades. Por exemplo, pode-se morar em uma casa ou um bairro e não os habitar, não estabelecer relações e vínculos afetuosos com aquele espaço.

Para experienciar as possibilidades narrativas do corpo no urbano e a partir de uma espécie de romantismo boêmio, artistas invocam a imagem do flâneur, “aquele personagem

efêmero que, rebelando-se contra a modernidade, perdia o seu tempo deleitando-se com o insólito e com o absurdo, vagabundeando pela cidade” (CARERI, 2013, p. 74). Figura derivada do conto O Homem das Multidões, de Edgar Allan Poe (1840), arquétipo do homem que vaga pelas ruas a observar seus passantes e vivências efêmeras do dia a dia urbano moderno (MONTE, 2015).

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes — a arte de flunar (RIO, 1910, p. 02).

Para além do flâneur, o caminhar como um método de apreensão estética foi aplicado de diversas formas ao longo do tempo, com os mais diversos objetivos, e passou por diversas fases e nomes. A errância primitiva e as práticas artísticas, como o ready-made urbano dos dadaístas e as deambulações surrealistas desembocaram na intitulada deriva situacionista. Cada uma, a partir de suas ideologias constituíram métodos, em grande parte não institucionalizados, para adequar esta prática aos seus ideais.

Este trabalho procura se amparar no procedimento situacionista da deriva como base à construção de uma metodologia própria de ensaio. Sobre tal método Debord (1958, IS nº 2) apresenta a deriva como:

uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas. O conceito de deriva está indissolúvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-construtivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e passeio.

Dentro do escopo de toda a teoria situacionista, o conceito de psicogeografia pode ser considerado uma ideia que “fornecia aos situacionistas uma visão fenomenológica das cidades” (MONTE, 2015, p. 53). A aproximação entre a psicogeografia e a fenomenologia é perceptível, tendo em vista que ambas visam o retorno a essência das coisas e uma investigação científica de cunho afetivo, se contrapondo ao positivismo.

A Internacional Situacionista foi movimento considerado como “a última vanguarda”, ligado a um ideal neomarxista, os situacionistas tinham por base o sentido de arte aplicado à vida cotidiana. O grupo pretendia a superação da arte ao torná-la produto comum a todos, não institucionalizada. Alcançada através das relações sociais e por situações criadas e vividas no espaço público, na vivência de cidade. Instituída como forma de exercitar a psicogeografia através do caminhar, a deriva situacionista seria “um instrumento de levantamento de dados, além de força motriz do levantamento de hipóteses psicogeográficas” (MONTE, 2015, p. 53), representando um meio de realizar uma ciência poética. A corrente situacionista enxergava no caminhar uma prática de vivenciar a cidade anticapitalista e contra a alienação coletiva.

A intenção é percorrer a cidade com a finalidade de fazer emergir dela elementos relativos ao acaso do passeio, como a organicidade de paisagem urbana, as espontâneas situações cotidianas e a efervescência própria do trânsito dos indivíduos, ou seja, a vida cidadina em sua forma legítima (MONTE, 2015, p. 51).

Tal exercício serviria como recurso a atingir a meta da superação artística através do urbano, sendo um método subversivo da constituição de uma nova forma de apreender a cidade além do espectro turístico, pois este seria considerado como meio de promoção do espetáculo. Derivar é vivenciar o espaço a partir da realidade local, compreender e absorver, em sentido perceptivo, as possibilidades sensoriais do cotidiano. Embora o manifesto antes não tenha conseguido alcançar a notoriedade merecida – talvez pelo fato de serem ideias avançadas de mais até às vanguardas da época há, recentemente, um resgate destas ideias e diversas produções acadêmicas e artísticas se voltam à ideia da deriva. Embora algumas não se relacionem diretamente à teoria da IS, existem equivalências perceptíveis sugerindo que a prática seria inata ao nosso ser.

Uma vez que é a levantada a possibilidade de investigar a cidade de uma maneira cor-pográfica para novos planejamentos, surge a dúvida de como essa experiencia pode afetar a prática de arquitetos e urbanistas. Percebe-se, então que a lógica de utilização da deriva ou outros meios de caminhada como praxis arquitetônica está desalinhada com a estratégia atual de produção do espaço capitalista. Por conseguinte, caso haja interesse de arquitetos e urbanistas pela deriva ou por uma produção e alteração de espaços urbanos sob uma nova ótica, há de haver também uma inversão de abordagem e de compreensão do atual urbanismo neoliberal.

Diante dessas complexidades Rossi (2001, p. 193) atenta que a cidade é o “texto da história humana”, ofertado através de “fatos urbanos determinantes”. E Serpa (2014) aponta para a discrepância entre o pensamento e linguagem do planejador urbano em comparação com a de quem realmente vivencia o cotidiano urbano. Observa-se, assim, o resultado da formalística a qual o projetista em geral está preso, diferentemente da vivência dos habitantes da cidade, com projetos surgidos a partir de uma interpretação pessoal e técnica do habitar.

Uma possível solução para preencher essa lacuna entre os planejadores e habitantes locais é, portanto, este ato de partir a campo, o qual se conforma com um dos objetivos deste trabalho, o ato de caminhar como prática estética. Considerando o espaço público como local “de ação política, mercadoria e intersubjetividade” (SERPA, 2014, p. 1). E, através desse contato corporal com o espaço e seus cenários, alcançando percepções à nível dos habitantes, que a perspectiva do planejamento espacial pode se adequar aqueles que o vivenciam.

### Cartografias de uma experiência sensível na cidade

A geografia positivista – do método cartográfico cartesiano, instituiu um olhar controverso ao espaço, pensando inclusive a cidade de forma abstrata, como quem a vê do alto, numa leitura à distância dos traçados e texturas, uma cidade-panorama, obscura, sem sentido, pertencente aos planejadores, distante da realidade (CERTEAU, 1998). Contraposta a ela, onde a visibilidade se dissipa estão os viventes reais, “caminhantes, pedestres, Wandersmänner, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo” (CERTEAU, 1998, p. 171), são estes seres que constituem e vivem realmente o espaço, a paisagem.

Embora o mundo moderno tenha se apegado às metodologias de cunho cientificista cartesiano e a cartografia seja vista como um produto puramente de representação de fatos georeferenciados, há um levante contra-cartográfico na própria produção científica. É a busca por um fazer poético que possa abranger também as subjetividades humanas e reconhece-las como parte importante no processo tanto de construção da ciência em si, quanto das metodologias sensíveis.

A própria concepção de método está ligada a ideia percorrer caminhos (do grego meta, atrás e hodos, caminho), logo, nada mais apropriado que a metodologia a ser empregada como base deste projeto de pesquisa derive do seu próprio devir, constituindo um método qualitativo experimental do espaço. Dessa forma, o caminho – o método – é tão significativo quanto o que se pretende analisar. Como forma de aprofundamento de um possível método poético, a escolha para construir a concepção de que a própria paisagem pode ser um tipo de cartografia do espaço, advém do método da cartografia de Deleuze e Guattari. O método, com certa ironia inclusive, constitui uma oposição ao método cartesiano de mesmo nome, ao realizar o mapeamento de afetos – aquilo que afeta. O desafio desse método é “exercitar a sustentação da abertura de pensamento para receber, sem preconceitos, tudo o que for se apresentando no processo de pesquisar como condição de possibilidade para se produzir conhecimento pertinente e consistente” (FRANCISCO e SOUZA, 2017, p. 125).

Neste caso, duas ideias estão fortemente presentes, a primeira é a de acompanhar processos, a base do método da cartografia, fazendo do pesquisador um agente ativo da própria experimentação. Com metas e objetivos flexíveis dependente dos próprios caminhos a serem explorados no processo, em que a própria pesquisa se apresenta como intervenção, não somente representação. Assim, todos os envolvidos, tanto o pesquisador, quanto os objetos e os meios, são transpostos pelos efeitos da experiência (FRANCISCO e SOUZA, 2017).

A segunda ideia é da intuição, que para Maffesoli (1998, p. 139) “está, de maneira mais ou menos evidente, na própria base do ato de conhecimento”, ou seja, o sensível, a lógica erótica está presente no fazer científico, mesmo que este por tanto tempo o tenha negado. Além disso observa que “sua importância cresce quando a sensibilidade estética ou, ainda, a pressão das imagens torna a ocupar o primeiro plano da cena social”. Logo, como o foco do projeto está diretamente relacionado com uma sensibilidade estética de perceber e vi-

venciar as imagens afetivas do espaço, através da paisagem, a intuição também se apresenta como fator importante na construção do caminho – método.

É latente perceber as possibilidades oriundas do caminhar como método estético e ação política de transformação social. Aliando à criatividade, há um universo a ser explorado utilizando tal ato. A criação de uma ambiência lúcida acerca da cidade, permite que os processos de apropriação do espaço sejam mais valorizados e difundidos dentro da sociedade. Transportando consciência urbana aos mais diversos atores sociais, desde as crianças aos mais idosos, desde o civil comum até os meios mais cientificamente acadêmicos. Inclusive, é a grande possibilidade de aproximar estes meios técnicos científicos a realidade que rodeia a cidade que tende a evitar equívocos apáticos na construção do meio urbano.

### A cidade “onde o Nordeste garoa”

Para experimentar e entender as possibilidades que se apresentam nestes estudos sobre o caminhar como uma possível arte de se habitar a cidade e como este tipo de prática pode se relacionar com o imaginário dos que vivenciam a cidade, foram realizadas na cidade de Garanhuns, interior pernambucano, algumas caminhadas sensíveis, de cunho experimental. Com o intuito de apreender as percepções significativas preexistentes em relação a alguns espaços na cidade, relacionando os imaginários pessoais tanto daquele que pesquisa, quanto aquele que se apresenta como voluntário e colaborador, assim como, permitindo uma possível ressignificação destes espaços.

A cidade de Garanhuns está situada no Planalto da Borborema, à 842 metros acima do nível do mar – em seu ponto mais alto – alto do Magano, a elevação chega a 1030 metros de altitude, é cercada por sete “colinas” – Monte Sinai, Triunfo, Columinho, Ipyranga, Antas, Magano e Quilombo. É um município de médio porte, conta com uma área da unidade territorial de 458,552 km<sup>2</sup> e população estimada em 138.642 pessoas segundo dados do IBGE 2016/2017. Sua área urbana possui cerca de 7,11 km<sup>2</sup>, a qual abriga 88% da população. A cidade possui uma inclinação econômica e cultural voltada ao turismo, principalmente na realização de eventos tendo dois como principais motes turísticos, o Festival de Inverno de Garanhuns (FIG) – considerado um dos maiores festivais multiculturais do Brasil, e o Magia do Natal.

Possui um clima ameno em comparação às outras cidades nordestinas e uma paisagem de Agreste, que combina a transição entre a Zona da Mata e o Sertão. Estas duas condições – clima e paisagem, são o principal encanto da cidade. Uma paisagem tão alegórica no imaginário das pessoas locais que inclusive já foi cantada por Luiz Gonzaga como a “cidade onde o Nordeste garoa”. Garanhuns guarda o imaginário popular de ser a “cidade das flores de amores sem fim”, conhecida inclusive como Suíça pernambucana. E embora atualmente a cidade tenha outros processos de transformações urbanas e não apresente tantas características “brejeiras” como antes, estas imagens ainda são muito presentes no afeto popular. Se apresentando assim, como fonte interessante de estudos que abordem questões acerca da significação das paisagens e dos seus espaços públicos.



Figura 1: Mapa do Estado de Pernambuco, fonte SESC PE. Disponível em: <<https://goo.gl/CM39ZF>>. E fotos de Garanhuns realizadas pela pesquisadora.

## Errâncias

Com o auxílio de voluntários, ao total foram 7 caminhadas experimentais práticas, que geraram 21 experiências pessoais, além do processo experiencial cartográfico da própria pesquisadora, Lahys Barros, a quem por fim, coube criar mapas síntese destes momentos, além de conduzir e ser conduzida pelos imaginários de cada encontro – com o outro e com o espaço.

O primeiro momento do encontro se dava com uma breve explicação sobre o que se tratava a proposta e de que modo aquilo poderia ser interessante tanto para a pesquisa, quanto para quem estivesse participando. Em grande parte, os planejamentos dos rumos eram feitos na hora “você que escolhe por onde quer andar, pode ser um lugar que tem algum significado para você, que você goste, ou não, até um lugar que, quem sabe, você nunca foi”. Além dos temas, ou possíveis rumos a serem tomados, também ficaria a critério dos participantes a forma de registro, com um pedido para que fosse construído um mapa mental do trajeto e da experiência.

Com a base na ideia principal de experimentar a partir do caminhar como prática estética, partia-se para a Rua, seguia-se o caminho, tal qual uma experiência de deambulação. A conversa era inevitável, com reflexões sobre os mais diversos assuntos. Foram momentos de troca de conhecimentos, histórias e filosofias, aprendendo com o compartilhar o espaço, do tempo e dos imaginários e, por consequência, corpografando o urbano.

A primeira experimentação foi realizada com Samuel Barros, 23 anos, estudante de licenciatura em história na UPE/Garanhuns. O ponto de encontro, escolhido pelo participante foi a Praça da Bíblia – talvez um prenúncio do que estava por vim, ou, quem sabe, foi um fator que influenciou a escolha dos próximos rumos. A temática foi de sua escolha “Garanhuns tem muita coisa religiosa, a gente podia andar olhando para esses lugares”. Este foi o primeiro guia. Seguimos procurando locais de fé na cidade, facilmente encontrando igrejas católicas, evangélicas e algumas congregações espíritas. “Será que a gente consegue encontrar algum lugar de religião

de matriz africana?” Esta foi, então, nossa busca.

Percorremos diversos lugares, falamos com diferentes pessoas, encontramos panfletos com números, mas nenhum endereço. Chegamos a ir em uma loja de artigos espirituais, onde fomos aconselhados a observar as casas da mesma rua, algumas delas teriam locais de oferenda, que podíamos observar e encontrar o que procurávamos. Não tivemos muito sucesso. Talvez nosso olhar não estivesse treinado para observar esses detalhes. Entretanto, foi fácil identificar cruzes e imagens de Jesus nos terraços alheios.

O acaso acabou por nos levar à algumas pessoas que direcionaram nosso olhar, e nos guiaram ao nosso destino conclusivo. Localizado no Bairro do Magano, periférico, o mesmo bairro que carrega em si o nome do primeiro quilombo das terras garanhunesas. O terreiro de Mãe nené foi onde finalmente encerramos a experiência e nossa busca por diversidade religiosa. Já era noite quando encontramos o local, o conhecemos e conversamos com as pessoas que ali estavam.

Foi uma busca longa e cansativa, precisamos inclusive nos deslocar de ônibus em uma parte do caminho, mas, por fim nos fez repensar como a hierarquia do poder religioso e preconceitos podem ser espacializados e como naturalizamos esses processos. Igrejas e congregações quase em cada esquina, no centro dos espaços urbanos, e terreiros escondidos nas periferias, resistindo.



Figura 2: Cartografia síntese, mapa e fotos realizados pelo voluntário, colagem realizada pela pesquisadora

Alguns dias depois voltei ao mesmo bairro, porém a partir de uma experiência completamente diferente. Experimentar através do olhar de um habitante do lugar. Quebrando estigmas do imaginário popular da cidade que guarda um medo exacerbado de que o bairro é excepcionalmente perigoso. Convidei Ivson Leon, 24 anos, biólogo, para uma caminhada pelo Magano e ele acabou me conduzindo pelas memórias especializadas da sua infância.

Nos encontramos em frente à igreja Santa Terezinha – tinha passado e parado ali também com Samuel, na primeira experimentação. Mas, se antes nosso olhar se voltou à igreja, agora, estávamos sentados de costas para ela, olhando o Bairro, seu significado neste momento era apenas de demarcação, ponto inicial. O primeiro lugar que passamos foi a quadra de um colégio que Ivson jogava bola. Durante todo o caminho ouvi histórias da vida dele, de sua família e amigos, por aquelas ruas.

Passamos por ruas que há algum tempo ele não passava. Pela casa da avó dele. Casa de vó sempre é ponto marcante. Em outras ruas ele lembrou de situações tipo a experiência de – segundo ele, “quase morte” com uma pipa sem cerol, ou quando levou uma carreira de um cachorro. Lembrou de uns amigos, um cyber e uma dívida “A gente foi deixando fiado e chegou um momento que não ia conseguir pagar, aí a mulher do cyber foi falar com nossos pais. Fiquei de castigo um tempão”. Lembrou também a primeira namoradinha.

Mais que conhecer o Bairro, tive a oportunidade de o conhecer melhor. Lembrei da citação de Bachelard no livro de Sarlo (2014, pg. 142) “No início de Poética do espaço, Bachelard diz que não lembramos o tempo, mas o espaço. O que imaginamos do tempo transcorrido é espacializado”. A memória é espaço acima de tudo. O tempo se registra, se entranha no espaço. Saber como o espaço se apresenta ao outro, é também uma forma de lhe conhecer.

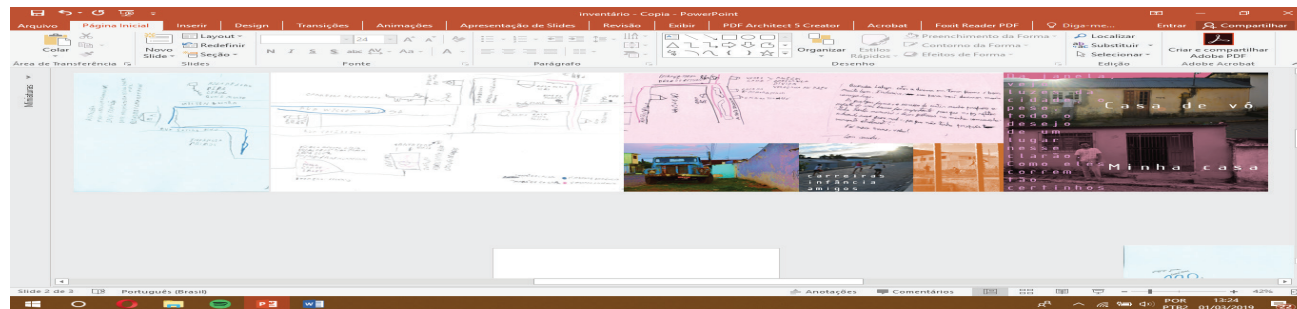


Figure 3: Cartografia síntese, mapa realizado pelo voluntário, fotos e colagem realizada pela pesquisadora

Outra experiência que me fez imergir nas memórias e imaginários do outro, foi caminhar com seu Nestor, 79 anos, um apaixonado por Garanhuns. Sem dúvida, foi uma das mais interessantes e um desafio particular. Ele é contador aposentado, ex-militar, e deixou sua família em Maceió/AL para viver em um hotel na cidade há cerca de 1 ano. Filho do distrito de São Pedro, guarda a cidade de Garanhuns nas memórias de sua infância e juventude.

Começamos caminhando dentro do parque Euclides Dourado, onde todos os dias ele marca presença na pista de cooper. Caminhar, para ele, é dar voltas ali – mais ou menos 15 todos os dias. Quanto a rua, ele prefere percorrer de ônibus. Mesmo assim, após uma volta lá dentro, ele resolveu “ir à cidade” comigo. Perguntou se eu já tinha ido no Batalhão da Polícia Militar e decidiu que deveria ir lá me mostrar.

No caminho, aprendi que o cavaleiro anda entre a dama e a rua, segundo a etiqueta. Ouvi as histórias dele, as histórias da cidade, fui a turista e ele o guia. No Batalhão tiramos foto na estátua do Capitão Cobrinha, um herói da cidade, ele me contou. O lugar fica na colina Monte Sinai e eu nunca havia estado lá. É um dos pontos mirantes mais bonitos da cidade, dali avistamos outra colina, a Columinho. Ele contou que aquela edificação antes era um hotel e, quando mais jovem, assistia jogos na televisão do local, já que era raro ter televisão em casa. Sport e Santa Cruz, foi o primeiro jogo que assistiu. “Quem ganhou?” “Ai eu não lembro mais”.

O próximo destino também foi sugestão dele: o Batalhão do Exército, que fica na entrada da cidade. Fizemos um tour pelo exército, com direito a uma visita guiada por um tenente contando a história do lugar. Ao final, voltando, ainda passamos ainda pela casa de Show Maria Rita, uma espécie de chácara na cidade, onde ele comemorou seu último aniversário. Retornamos ao hotel pela Avenida Júlio Brasileiro, ele me chamou atenção para a calçada, uma escada atrapalhando o passeio público. Ri comigo mesma, lembrei do que De Certeau (1998, p. 171) fala sobre o “Wandersmänner, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo”.



Figura 4: Cartografia síntese, mapa realizado pelo voluntário, fotos e colagem realizadas pela pesquisadora

Ainda em se tratando de memórias, realizei uma experiência na qual a imersão foi, no momento, em minhas próprias memórias. No imaginário compartilhado com duas amigas de adolescência. Um reencontro com amigas da época do ensino fundamental e médio. E assim, acabamos por compartilhar as percepções e significações dos espaços como “um”. O caminhar nos levou ao principal ponto em comum de nós mesmas. O Colégio XV. O nosso colégio. Nosso espaço durante anos.

Em frente a ele encontra-se uma das praças mais turísticas da cidade, a “fonte luminosa”. Paramos ali, recordamos, conversamos sobre como habitávamos aquele lugar antes, como nos relacionávamos com ele agora, as sensações e significações que mudaram depois de quase 10 anos. Tudo que aquele espaço representava para nós como estudantes, significados provavelmente compartilhados com tantos outros estudantes. Tudo que aquele espaço representava para nós como amigas, como nós. Cada particularidade presente nos diversos níveis e possibilidades de vivência.

Uma pausa preenchida de significados. Mas, seguimos a proposta de caminhar, adentramos o bairro – Heliópolis, em sua parte mais “nobre”, muitas casas bonitas, realmente, muitas árvores, calçadas e ruas largas, porém, pouca gente na rua. Quase nenhuma na verdade, “parecia que estávamos em uma aventura”, o espaço não se tornou inóspito pois estávamos juntas. Seria uma sensação completamente diferente se estivéssemos sozinhas. Como mulheres, compartilhar os espaços nos fazem sentir mais seguras.

Contrastando com esse momento, finalizamos a caminhada em outro bairro, ou talvez fosse ainda o mesmo – muitas vezes algumas ruas não parecem pertencer ao bairro determinado geograficamente. É o que a psicogeografia comenta sobre ambiências, em como os espaços na cidade se relacionam de formas diferentes, possuindo fronteiras geográficas que não corre-



spondem à realidade perceptiva. Os cenários agora eram completamente diferentes, no lugar das casas grandes e muradas, estavam casas e comércios amontoados, consequentes, sem afastamentos laterais. Calçadas estreitas, rua de paralelepípedo e muita gente na rua. Não estávamos mais em uma aventura, mas estávamos mais confortáveis.



Figura 5: Cartografia síntese, mapas realizados em conjunto, fotos e colagem realizadas pela pesquisadora

Duas caminhadas independentes, curiosamente acabaram por se conformar em uma experiência. Feitas em dias diferentes, com pessoas diferentes e por caminhos opostos dentro da cidade, acabaram por resultar em uma experiência única, na qual um dia parece ter complementado o outro. A primeira foi realizada com a estudante de design Juliana Barros, natural de Garanhuns, mas que no momento estuda e mora em Caruaru. Já, os voluntários do segundo dia foram os estudantes de arquitetura Artur Paes e Lucas Queiroz, também naturais da cidade, que residem e estudam em Caruaru. Talvez o fato de ambos serem estudantes da mesma faixa etária, de cursos ligados à arte e sensibilidade, naturais da cidade, porém não residirem mais nela, possa significar algo quanto ao encaminhamento do resultado.

Ambas foram caminhadas despreziosas pelas ruas, com certas características de passeio, observar a cidade, suas as edificações e cores. Observamos azulejos e gradeados, a partir de um olhar voltado para o design que se faz presente nos muros e fachadas “É tudo tão cheio de detalhes, parece que foi feito com mais carinho do que as casas que são feitas hoje”. Enquanto, a partir do olhar arquiteto urbanista, percorremos uma rota central de pontos turísticos da cidade, mas também olhando para minúcias, para as margens arquitetônicas desses espaços espetaculares da cidade. Novamente houve a experiência perceptiva não correspondente as divisões entre bairros, transitamos por algumas fronteiras geográficas sem nem perceber, se estávamos em um bairro mas achávamos que era outro. Durante as conversas estava claro como o olhar de estudantes definia nossas percepções.

Falei a Juliana um pouco sobre como muros altos e baixos influenciam na sensação que temos ao caminhar na rua, ao mesmo tempo que experimentamos estas diferenças espacialmente. Ela me contou sobre seu estudo sobre azulejos e ladrilhos, formas, cores e padrões, presenças gráficas na cidade. Já o olhar arquitetônico elevou questionamentos como, por que determinados locais se tonam turísticos? É possível ser turista na própria cidade? Como a cidade se relaciona com seu patrimônio histórico e por que ele parece não ser tão valorizado quanto devia?

Observamos detalhes arquitetônicos, formas, shapes. Percebemos também a diferença entre muros e não muros. Descobrimos até um Jacaré na fachada de um edifício eclético.

Por fim, nas duas caminhadas, fechamos o ciclo de apreensões daquele momento ao retornar ao ponto de partida. Corpografamos um desenho que se iniciou e terminou no mesmo lugar, espacialmente. Substancialmente, subjetivamente, o lugar era diferente, carregava agora em si a bagagem da vivência daquela tarde, do despertar de memórias, reflexões e afetividades. Foi interessante, embora não surpreendente, a forma com a qual a memória acabou sendo a principal guia das experiências. Seja de modo direto, em busca realmente de encontrar esses tempos especializados, as subjetividades pessoais, ou mesmo indireto, indo ao encontro do imaginário coletivo, afinal, a memória é a primeira cartografia do espaço.

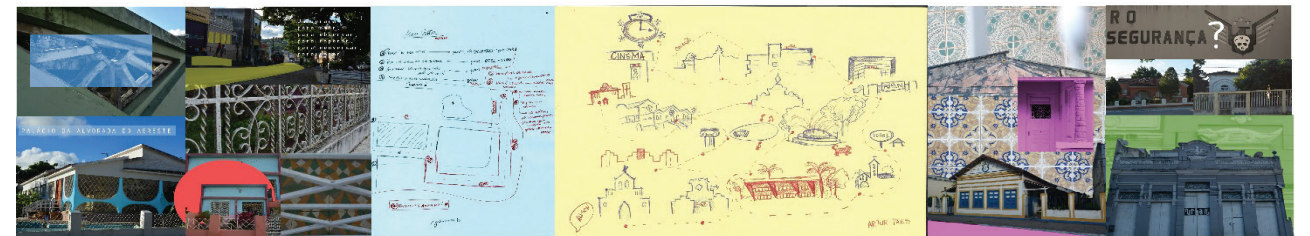


Figure 6: Cartografia síntese, mapas realizados pelos voluntários, fotos e colagem realizadas pela pesquisadora

Durante a caminhada com os estudantes de arquitetura, paramos para um encontro inesperado. Alisson, 11 anos, pedinte, brevemente marcou o momento. Conversamos um pouco, perguntei o que ele achava bonito ali na rua, ele disse que era a igreja, grande e bonita, tiramos uma foto sua com ela de fundo. Nos despedimos naquele momento e nos encontramos novamente mais tarde. Ele já estava voltando para casa, feliz ia de ônibus, conseguiu dinheiro suficiente.

Esperando o transporte conversamos mais, ele falou sobre sua família, contou onde morava e estudava – o bairro mais longe da cidade. Falou que muitas vezes tinha que ir a pé quando não conseguia dinheiro suficiente. Curioso sobre o que estávamos fazendo, ele nos perguntou algumas coisas também. Por fim, resolvi fazer um pedido, “Tu podia desenhar aqui como faz pra chegar na tua casa? Qual o caminho que tu anda. Assim, foi desenhando e me explicando as direções. Desenhou também como faz para chegar no colégio que ele estuda e joga bola. Desenhou sua casa mãe e irmãos, além do ônibus que ia pegar naquele dia e a igreja que ele achava bonita.

Desse encontro novos afetos se formaram, inclusive a própria pesquisa foi sensivelmente repensada, afinal, caminhar só é ato político quando se tem uma escolha. E a prática estética? Para uma criança com a incerteza se voltará caminhando ou de ônibus não parece ser algo relevante. Ou talvez até seja, como forma de amenizar o longo percurso cansativo. Não sei se de alguma forma ele aprecia os caminhos que percorre. Talvez sim, ele é uma criança. Talvez não, ele também é uma criança que tem seus encantamentos roubados.



Figure 7: Cartografia síntese, mapa realizado pelo voluntário, fotos e colagem realizadas pela pesquisadora

Finalizando o ciclo de experimentações, foi realizada uma oficina com alunos do cursinho pré-vestibular Desdobra. Devido ao curto tempo disponível e a quantidade de pessoas a realizarem a experimentação, houve a necessidade algum tipo de planejamento prévio. Decidi colocar o situacionismo para jogo! A proposta era criar um mapa a partir de direções aleatórias, montado em conjunto na sala de aula e tentar segui-lo no espaço da cidade, observando e mapeando por onde passaríamos.

Participaram um total de 12 alunos. Iniciamos o caminho a partir da sede do cursinho. “Atenção à escala do mapa”, foi minha primeira recomendação. Uma escala estabelecida corpograficamente, que nos levou a percorrer o espaço do comércio da cidade, bairro São José, centro do início do processo de urbanização de Garanhuns, que guarda grande parte de seu patrimônio cultural material. Aproveitei o momento para chamar a atenção deles à cidade antiga que estava escondida ali, as edificações ecléticas e o art déco por trás dos letreiros comerciais e resistentes em edificações abandonadas.

Em dado momento, fizemos nosso primeiro desvio da rota do mapa, “você já entraram naquela rua?”, a resposta foi unânime “Não!” – Na verdade nem eu havia passado por ali, entramos no beco. Descobertas, novas ambiências, novos cenários. O desvio foi acrescentado no mapeamento e seguimos o caminho. É interessante que por mais que conheçamos uma cidade, vivemos nela, mas sempre haverá novos lugares a se descobrir, novas ambiências a se experimentar.

Mais à frente entramos no edifício do Instituto Histórico e Geográfico de Garanhuns. Conhecemos mais da história da cidade e da antiga edificação eclética. Depois entramos no Centro Cultural, antiga Estação Ferroviária, aproveitei para fazer realizar um pouco de pedagogia sobre o patrimônio histórico. Eles também se divertiram tirando fotos e dançando no palco do teatro, conversamos, eles me contaram coisas que eu não sabia também. Por fim, ao retornar a sede do cursinho perguntei se tinha sido difícil seguir o mapa, já que inicialmente eles estavam com receio de como esse processo seria, “até que não, foi bem divertido” eles concordaram.

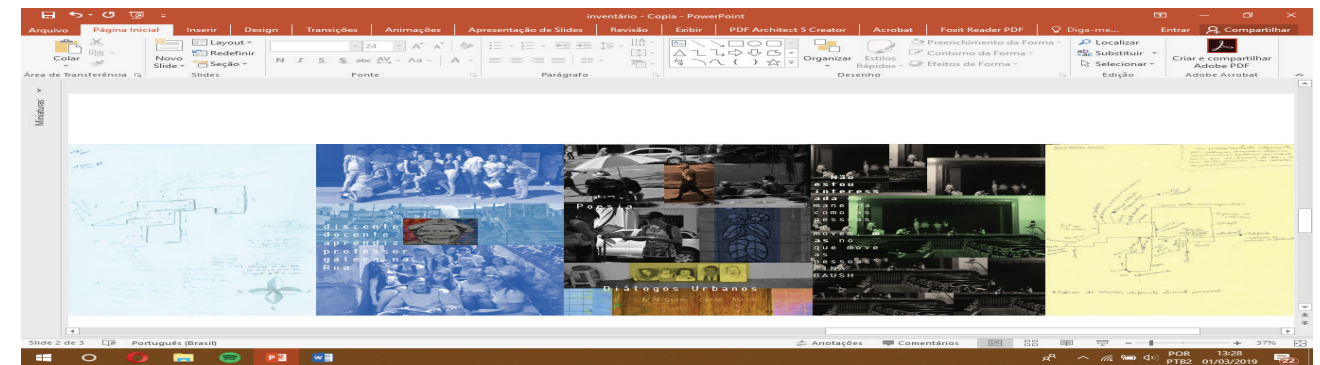


Figure 8: Cartografia síntese, mapas realizados pelos voluntários, fotos e colagem realizadas pela pesquisadora

### Fim da caminhada? resultados de uma deambulação contemporânea

O caminhar como um método de apreensão estética pode ser aplicado, conforme visto, de diversas formas, com os mais diversos objetivos. Tudo depende da criatividade e do que se pretende com a ação. Conformando o principal objetivo deste trabalho de estudo acerca da vivência na cidade em relação a questões de significação, procurando experimentar e perceber a forma como as pessoas habitam o espaço livre público.

As formas de apreender o espaço no percurso são infinitas e, geralmente, obras do acaso. “O acaso ainda tem importante papel na deriva” (DEBORD, 1958). O acaso levou o projeto piloto ao encontro de cantadores de toadas, uma das suas experiências mais marcantes. A permissão do acaso traz a possibilidade de expressivas percepções e dos mais inusitados encontros, que são parte importante desse tipo de experimento. “A arte de ir ao encontro de alguém produz conhecimento recíproco entre as pessoas que se movem em nosso novo mundo e nos ajuda a imaginar, com elas, uma outra maneira de habitá-lo” (CARERI, 2017, p. 34)

Para além do acaso e das espontaneidades as derivas e errâncias carregam consigo uma intensa tarefa política, a de contrapor-se a corrente massificatória, esterilizadora e alienante presente no fazer urbano contemporâneo. Propoe-se aqui, deste modo, novos deveres aos arquitetos e urbanistas que possuam afinidade com a caminhada afetiva: compor conjuntamente uma postura de resistência contra a hegemonia do urbanismo neoliberal e produzir conteúdo subjetivo com o objetivo de realizar um planejamento urbano e edilício onde haja respeito aos aspectos afetivos e ao usuário comum.

É necessário que a pujança relativa à arte e aos artistas contemporâneos seja compreendida também pelo agentes dos processos de gestão, planejamento e desenho das cidades. A reflexão sobre o bem comum e posicionamento cívico perpassam questões relativas à estética e a disruptura do processo de reificação no qual se encontram a arquitetura e o urbanismo

atualmente. Uma tendência conveniente de contraposição ao contexto de capitalização do espaço urbano contemporâneo consiste na capacidade das caminhadas de criação de um tempo particular, contraprodutivo e contestador das incessantes e rápidas dinâmicas atuais.

Assim, é preciso olhar para o espaço através de todas as janelas disponíveis, do corpo e do ser. Entender por que nos relacionamos com o espaço, como essa relação nos afeta e afeta o mundo a nossa volta. Errei, mas do “verbo” ser errante. Nas caminhadas fica claro o quanto os cenários se delineavam a partir daqueles com quem Lahys estava acompanhada. No final das contas, os cenários observados representavam mais as pessoas do que o puro ambiente. E isso que é o espaço, não é? Isso que é o lugar!

O caráter psicogeográfico de deriva através da aleatoriedade e surpresa dos caminhos, além do caráter contestador e instigante de uma pesquisa contra-hegemônica, transformou-se numa experiência encantadora. Solidificou de maneira ímpar todos os momentos vividos e pessoas tocadas durante este processo em que foram ressignificados locais onde. Redescobriu-se uma nova cidade antiga. Foi permitido perceber, reencantar e apreender a poesia do meio urbano. Encerramos enfim, com a promessa de novas apropriações e com a reflexão: por que sempre fazer o mesmo caminho?

## Referências

- ALVES, Lahys. Cenários percebidos: experimentando a significação em espaços públicos de Garanhuns. Caruaru: UNIFAVIP | Wyden, 2018.
- BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gili, 2013.
- CARERI, Francesco. Caminhar e parar. São Paulo: G. Gili, 2017.
- DEBOARD, Guy-Ernest. IS nº 2, dezembro de 1958 [1956]. In: JACQUES, Paola B. Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.
- DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. 1º: Artes do fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- DICA NORDESTE. Cinco motivos para visitar Garanhuns (PE). Matéria de blog. Disponível em <<https://goo.gl/b4XLqX>>
- DI MAIO, Sara; BERENGO, Cecília. Nós somos a paisagem: como interpretar a Convenção Europeia da Paisagem. Florença, 2008. Versão portuguesa.
- JACOBS, Jane. Morte e vida das grandes cidades. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 3ª edição, 2011.
- JACQUES, Paola B. Elogio aos errantes. Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.
- LAMAS, José M. R. G. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LEFEBVRE, Henri. O direito a cidade. São Paulo: Centauro, 2001.
- LUKÁCS, G. História e consciência de classe: estudos de dialética marxista. Trad. Telma Costa; Revisão Manuel A. Resende e Carlos Cruz – 2ª Edição, Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Porto, Portugal, Publicações Escorpião, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. Elogio da razão sensível. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 4ª edição, 2011.
- MONTE, Luiz. Deriva e psicogeografia na cidade contemporânea: experimento situacionista no centro do Recife. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2015. Dissertação de mestrado em design.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. “The phenomenon of place”, 1976. In: NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995. Cosacnaify.
- PAULA e FERREIRA, Luiz Tiago de, e, Rafael Bastos. Fenomenologia política dos espaços públicos: Arendt, Habermas e Jacobs. São Paulo: XII Seminário de pós-graduação em geografia. 2014.
- RIO, João do. A alma encantadora das ruas. São Paulo: Martin Claret, 2ª edição, 2013.
- RIO, Vicente del. Paisagens, realidades e imaginário: a percepção do cotidiano. São Paulo: Paisagem Ambiente Ensaio, 1995.
- ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 2001.
- SARLO, Beatriz. A cidade vista: mercadorias e cultura urbana. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SELVAGGI, Filippo. Filosofia do mundo: cosmologia filosófica. São Paulo: Loyola, 1988.

SERPA, Angelo. O espaço público na cidade contemporânea. São Paulo: Contexto, 2014.

TEIXEIRA, Manoel Neto. Garanhuns: álbum do novo milênio: (1811 – 2016): história, poderes, urbanismo, instruções, cultura. Recife: 2016.

VERAS, Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti. Paisagem-postal: a imagem e a palavra na compreensão de um Recife urbano. Recife: O Autor, 2014.